Índice

[Introdução 2](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966164)

[Objectivos: 2](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966165)

[Objectivo geral: 2](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966166)

[Objectivos específicos 2](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966167)

[Metodologia 2](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966168)

[A origem do conhecimento 3](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966169)

[O empirismo 3](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966170)

[O racionalismo 3](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966171)

[Platonismo 5](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966172)

[Platonismo Agostiniano 6](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966173)

[Inatismo 6](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966174)

[O apriorismo ou intelectualismo 6](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966175)

[O construtivismo 8](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966176)

[A revolução Copernicana na teoria de conhecimento 9](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966177)

[Natureza do conhecimento 10](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966178)

[O realismo 10](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966179)

[Idealismo 10](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966180)

[Valor do conhecimento 11](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966181)

[Níveis do conhecimento 11](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966183)

[Importância, limites e perigos do conhecimento Científico 12](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966184)

[Conhecimento Filosófico 12](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966185)

[Existemoutros tipos de conhecimento que são: 13](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966186)

[Classificação das Ciências segundo Augusto Comte 13](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966187)

[A questão da verdade 14](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966188)

[Critérios da verdade 15](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966189)

[O erro: Causas e Remédios 16](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966190)

[Epistemologia Contemporânea 17](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966191)

[O continuíssimo 17](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966192)

[O descontinuíssimo 18](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966193)

[Conclusão 19](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966194)

[Referências bibliográficas 20](file:///C:\Documents%20and%20Settings\GERALDO%20EUGENIO.GERALDO-239F13D\Desktop\celso%20filoso.docx#_Toc425966195)

**Introdução**

Ao introduzirmos este trabalho que ira abordar sobre a *origem do conhecimento*, constatamos que na nossa vida quotidiana falamos de conhecimento e de conhecer, isto porque raras vezes nos perguntamos o que e isto de conhecimento, dai que conhecimento e a concordância entre sujeito e objecto e distinguimos como conhecimento quando há concordância entre os elementos cognitivos do sujeito e as propriedades do objecto, seja ele material ou ideal.

**Objectivos:**

**Objectivo geral:**

* O objectivo geral deste trabalho é de compreender a origem do conhecimento

Objectivos específicos:

* Identificar os níveis de conhecimento
* Explicar a natureza do conhecimento
* Descrever as teorias do conhecimento;

**Metodologia**

* Foi possível a elaboração deste trabalho através da revisão bibliográfica e análise de ideias referentes a autores que abordam sobre este tema.

**A origem do conhecimento**

Na reflexão a cerca da fonte do conhecimento, a questão de partida é a seguinte: qual é a fonte que nos da o conhecimento? A sensibilidade (os sentidos, a experiencia) ou a razão do sujeito (intelecto)?

O conhecimento é constituído pela ideia (conceitos), juízos e raciocínios. Os juízos e os raciocínios são obtidos a partir das ideias. Por isso, o problema da ***origem de conheciment*o** consiste em determinar como se adquirem as ideias e os primeiros princípios que normalizam todo o conhecimento.

Na tentativa de responder a pergunta sobre a *origem do conhecimento*, surgiram três teorias fundamentais: **o empirismo, racionalismo e o apriorismo ou intelectualismo**.

O surgimento de **empirismo e do racionalismo**, como correntes antagónicas justifica-se pelo facto de, em primeiro lugar, surgirem em áreas geográficas diferentes e, em segundo, principalmente, pela divergência das áreas de investigação. Em quanto a Europa continental florescia a matemática e a geometria - ciências meramente especulativas, na Inglaterra floresciam as ciências matemáticas e experimentais a saber: **a botânica, a química, astronomia e, a óptica, a medicina**…isto fez com que os filósofos continentais (**Descartes, Spinoza**) exaltassem o conhecimento abstracto e universal, baseando na razão em quanto os ingleses se interessam por um a pesquisa de teoria de conhecimento e de um método que satisfizessem as exigência das ciências por eles investigadas. As ciências experimentais partem da constatação de conhecimentos particulares, da experiencia de certos factos concretos; o seu objecto é ir além dos factos, mediante a descoberta de relações constantes de leis estáveis de que tornem possível a antecipação de outras experiencias.

A problemática epistemológica da filosofia inglesa, sobre a ***origem do conhecimento*** consistira essencialmente em saber como é possível, partida da experiencia, de factos singulares, elaborar leis universais que garantem o retorno a esfera dos acontecimentos concretos, das experiencias individuais.

**O empirismo**

As origens do empirismo remontam John Locke e David Hume, dois filósofos ingleses do século XVIII: Trata-se de uma corrente filosófica que surgiu na Inglaterra que defende o primado da experiencia na aquisição do conhecimento. Para estes autores, conhecesse a quilo que tem experiencia.

*Segundo John Locke, no início do processo cognitivo, a mente humana é como Tábua rasa ou como um papel em branco, onde nada esta escrito, em que a experiência preenche de conhecimento resultante de factos vividos. A experiência é a fonte processo cognitivo por dois modos: como sensação através da qual chegam até nos as ideias das coisas exteriores, e como reflexão, que nos da o conhecimentos da quilo que se passa dentro de nos. Da experiencia, mediante a sensação originam-se as ideias simples (exemplo: a ideia de azul, doce, macio, etc.) e, pela reflexão, a ideia de percepção, de duvida, desejo etc., e todas as operações da mente.*

As ideias complexas nascem das ideias simples, em virtude de actividade do sujeito que as une, separa, analise e sintetiza.

John Locke, nada, pôr, existe de diferente destas ideias complexas daquilo que caracteriza as ideias simples, as quais se podem reduzir.

*David Hume, por sua vez, diz que todos os conhecimentos se reduzem a impressões ou a ideias (vista de uma árvore e recordação da mesma) e pretende explicar a partir destes conhecimentos simples, a formação das ideias complexas por meios de leis ou princípios que são chamados “ ideias de associação.*

**O racionalismo**

A doutrina oposta ao empirismo é o racionalismo, que baseia a *origem do conhecimento* da razão. Esta doutrina também admite varias matrizes, apresentadas seguidamente.

*Para o racionalismo a razão é a fonte principal do conhecimento. O conhecimento sensível é considerado enganador. Por isso, as representações da razão são as mais certas, e as únicas que podem conduzir ao  conhecimento logicamente necessário e universalmente válido.  A razão é capaz de conhecer a estrutura da realidade a partir de princípios puros da própria razão. A ordenação lógica do mundo permite compreender a sua estrutura de forma dedutiva. O racionalismo segue, neste aspecto, o modelo matemático de dedução a partir de um reduzido número de axiomas.*

Os racionalistas partem do princípio que o sujeito cognoscente é activo e, ao criar uma representação de qualquer objecto real, está a submete-lo às suas estruturas ideias.

 Entre os filósofos que assumiram uma perspectiva racionalista do conhecimento, destacam-se [**Platão**](http://afilosofia.no.sapo.pt/PLATAO.htm),  [**René Descartes**](http://afilosofia.no.sapo.pt/12Descartes.htm) (1596-1650), **Spinoza** (1632 -1677) e [**Leibniz**](http://afilosofia.no.sapo.pt/12leibniz.htm) **(**1646-1716), partem do princípio que possuímos  ideias inatas e que é a realidade é uma construção da razão.

Descarte é considerado o fundador do racionalismo moderno. As fases da sua filosofia podem ser resumidas da seguinte maneira:

* **Objectivo**: atingir verdades indiscutíveis, deduzidas logicamente, a partir de uma evidência irrefutável.
* **Dúvida Metódica**: Para atingir um conhecimento absoluto, tem que eliminar tudo o que seja susceptível de dúvida. Nesse sentido, começa por suspender todos os conhecimentos susceptíveis de serem postos em causa. Descobre que todos os dados dos sentidos o podem enganar.
* **Primeira Evidência**. Ao pôr tudo em dúvida, e enquanto o faz, descobre que a única coisa que resiste à própria dúvida é a razão. Esta seria a primeira verdade absoluta da filosofia. "Eu penso, logo existo" (cogito).
* **Ideias inatas**. Descobre ainda que possuímos ideias, como a ideia de perfeição, que se impõem à razão como verdadeiras, mas que não derivam da experiência, nem foram por nós criadas. Atribui a sua criação a Deus (prova da existência de Deus).
* **Deus garantia da verdade**. Sendo a bondade um dos atributos de Deus, certamente que Ele não nos engana, logo as ideias inatas são verdadeiras. Deus é assim, a garantia da possibilidade do acesso à verdade.

**Dualismo**. Deduz uma divisão nas coisas:

*Aquilo cuja existência se revelou irrefutável, corresponde à* ***res cogitans****, isto é, à**razão ("pensamento", "espírito", "alma" ou "entendimento"). Apresenta-se como inextensa e livre.*

*Aquilo cuja existência e determinação levanta dúvidas, corresponde à* ***res extensa, isto é, ao mundo exterior (****corpos físicos). Os corpos são determinadas pela sua extensão, movimento, forma, tamanho, quantidade, lugar e tempo. O mundo fisico é assim des-espiritualizado, pois está submetido às leis da física, mecânicas*.

**Dedução**. Só com base nestas ideias claras e distintas, segundo Descartes, se poderia construir por dedução um conhecimento universal e necessário.

**Platonismo**

Para Platão, as ideias são imitações ou sombras dos arquétipos (modelos ou essências) do mundo das ideias, mundo puramente inteligível constituído por realidades abstractas e universais que a alma vai recordando (teoria de reminiscência).

Segundo Platão, a alma racional viveria no mundo das ideias em plenitude de conhecimento. Depois foi encerrada no corpo e a matéria obscureceu todas as ideias, as quais só podem ser despertadas através dos sentidos. Quando o Homem nasce, já traz consigo as ideias.

**Platonismo Agostiniano**

Santo Agostinho parte da filosofia platónica e explica a origem das ideias das seguinte maneira: as ideias são expressas pela inteligência como provindo de si mesma e não elaboradas, como dados recebidos através dos sentidos. Como surgem, então, as ideias? Santo Agostinho fala de uma iluminação divina, que seria, juntamente com a inteligência, causa da geração das ideias.

**Inatismo**

Descarte foi o expoente máximo do racionalismo, dada sua crença inabalável no poder da razão. Para Descartes existem vários tipos de ideias: as ideias adventícias, provindas da experiencia, as ideias factícias, resultantes das adventícias( por exemplo, a ideia de seria), e, por ultimo, as ideias inatas, as que são co-naturais a própria inteligência , que provem da razão e, por isso, não estão sujeitas a erro. Todos os nossos conhecimentos seriam, por conseguinte, formados a partir dessas ideias inatas, únicas e infalíveis.

Leibnitz, outro grande filósofo alemão do século XVIII, admite um inatismo virtual: as ideias inatas existem no nosso espírito como percepções inconscientes que se vão consciencializando progressivamente através da experiencia.

**O apriorismo ou intelectualismo**

Falar de intectualismo não é senão falar de Kant e do seu posicionamento em relação ao problema de origem do conhecimento, deveras debatido pelo empirismo e pelo racionalismo.

Kant foi influenciado pelo progresso científico do seu tempo o sucesso proveniente do método utilizado pelas ciências exactas e naturais. Porem, ele estava consciente de tentação de começar aplicar o método das ciências indiscriminadamente para explicar e compreender o ser humano, pois dessa forma os valores morais e a sua fundamentação metafísica podiam ser absorvidos pelo mundo de mecanismo material.

As principais correntes filosóficas do tempo de Kant foram o racionalismo e o empirismo. Mas para Kant, o racionalismo defendia os princípios metafísicos, era desenraizado da experiencia e portanto, dogmático. O empirismo, por sua vez, enraizado na experiencia, mas incapaz de levar o Homem além da experiencia, conduzia o Homem ao cepticismo. Para Kant, o empirismo implica a negação da validade universal e necessária do conhecimento científico, porque a experiencia nunca é universal. Com base nesta constatação, Kant integra o que há de positivo no racionalismo e no empirismo e produz a sua própria teoria filosófica. Kant faz esta integração através de uma análisecrítica das três principais operações da razão humana: conhecimento, vontade e sentimentos (sensações).

Esta análise deu origem a três importantes obras criticam que marcaram o mundo: a crítica da razão pura (sobre o conhecimento), crítica da razão prática (sobre a vontade) e acrítica do juízo (sobre os sentimentos).

Segundo Kant, a verdade e ao conhecimento só se chega através do juízo. O juízo é a combinação que é feita do sujeito e o objecto. Kant distingue dois tipos de conhecimento: conhecimento puro, proveniente da razão, e conhecimento empírico, proveniente da experiencia. Na introdução da crítica da Razão pura, Kant escreve: “ todo o conhecimento humano começa com a experiencia, mas a experiencia não esgota todo o nosso conhecimento”. Diz ainda: “ se todo o conhecimento se inicia com a experiencia, isso não prova, porem, que todo ele todo ele deriva da experiencia”.

O conhecimento sensível é constituído pela receptividade do sujeito que sofre certa impressão pela presença do objecto. Este conhecimento representa os objectos como eles aparecem para o sujeito. Portanto, o conhecimento empírico e sempre subjectivo, por isso, não se pode confiar muito neste tipo de conhecimento, pois depende de como o sujeito sofre a influência do objecto.

O conhecimento puro, também chamado inteligível, é a faculdade que a nossa razão tem de representar aqueles aspectos das coisas que, pela sua própria natureza, não podem ser captados pela sensibilidade. Então, o conhecimento inteligível é a faculdade da nossa razão. O conhecimento empírico ocupa-se com o conhecimento dos fenómenos, ou seja, com os objectos que se manifestam no mundo sensível, enquanto o conhecimento puro ou inteligível ocupa-se com o mundo numérico (mundo de numero), a que pertencem os objectos ou entidades enquanto pensados, objectos em si (puros).

O conhecimento propriamente dito, que engloba os conhecimentos provenientes da experiencia sensível e da razão, vem dos juízos que estabelecem ligação entre sujeito e objecto. Há dois tipos principais de juízo: analítico e sintético. Quando se formula a informação de que o predicado B pertence ao sujeito A, trata-se de um juízo analítico.

Quer dizer: o predicado B esta implícito em A e não acrescentanenhum conhecimento novo nele (em A). Um juízo analítico ésó explicativo, não aumenta o conhecimento do sujeito a cerca do objecto, como mostram os exemplos que se seguem: um trilátero é um polígono de três lados, o corpo é extensivo, a esfera é redonda. A firmação “ o corpo é pesado” é, por sua vez, um juízosintético, porque o atributo da mais informações sobre o juízo. Kant fala também de juízos sintéticos a posteriori- trata-se de juízos muito particulares e contingentes que precisam de uma experiencia particular. Por exemplo, juízo “a batata-doce da minha machamba é alaranjada” é sintético a posteriori. Neste juízo, o alaranjado é um dado muito contingente (podia ser de outras variedades, exige que se vá ver se de facto é alaranjada).

Os juízos sintéticos a posteriori são juízos concretos, de uma realidade concreta, particular. Exemplo: ***o ferro é duro; o alicate do meu mecânico é torto. Estes juízos dão mais particularidades ao objecto.***

*Kant diz que para se ter o conhecimento verdadeiro é preciso outro tipo de juízo, que seja universal, necessário e sintético (que crie novidade). Kant não hesita em afirmar que os juízos que constituem o conhecimento verdadeiro são sintéticos a priori. O juízo 3+2=5 é sintético a priori, ou seja, esta operação decorre da experiencia sensível, empírica da experiencia, mas fazemo-lo na mente e pode ser implementado para qualquer realidade. Este juízo sintético a priori porque parte da experiencia, mas supera tal experiencia, podendo ser aplicado a qualquer realidade. Esta é a ciência verdadeira e a explicação de Kant ao modo como conhecemos: a partir da experiencia, elaboramos juízos sintéticos a priori universais e necessários, aplicáveis a todas as realidades*.

**O construtivismo**

O construtivismo explica em geral como a inteligência humana se desenvolve, partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas acções mútuas entre o individuo e o meio.

Esta corrente de pensamento proveio das teorias da epistemologia genética e da pesquisa sócio-politico de Piaget e Levy respectivamente. Tanto a epistemologia genética como a pesquisa sócio-historica acreditam que o Homem não nasce inteligente, mas também não é simples receptor das influências do meio. Ele responde aos estímulos do ambiente e desta forma constrói e organiza o próprio conhecimento. Dado que o conhecimento é construído por cada um dos indivíduos, outra coisa não se podia esperar senão a construção do conhecimento subjectivo. Portanto, não se atinge a verdade absoluta (representação da real como ele é), o organismo apenas adapta ao seu meio, isto é, compreende o ambiente onde estiver inserido. Por conseguinte, o sujeito do conhecimento orienta as suas acções e pensamentos com base nas suas experiencias.

De acordo com Piaget, existem dois procedimentos usados no acto de aquisição do conhecimento: assimilação e acomodação. Através destes dois processos, o Homem cria um equilíbrio mental pela perturbação provocada impressão de um novo objecto não conhecido antes.

É chamado princípio de equilibração. No processo de assimilação o novo objecto é analisado com base no esquema existente no entendimento do individuo que passa a ter mais uma impressão. No processo de acomodação a nova experiencia que não se enquadra nos esquemas de pensamento anteriores postula um novo esquema que acomoda o novo conhecimento que será ampliado mediante o estabelecimento de relações com o meio do sujeito cognoscente.

**A revolução Copernicana na teoria de conhecimento**

Na perspectiva clássica sobre o acto de conhecimento ensina que, no acto de conhecimento, o objecto é quem determina ou seja, o conhecimento consistia na adaptação do sujeito ao objecto a conhecer e na possibilidade de o Homem tudo conhecer. Esta visão revelou profundas lacunas no conhecimento, com tudo não explicava a existência de seres ingnosciveis pelo Homem. Este acto levou Kant a ilação de que não é o sujeito que se adapta aos objectos, no acto de conhecimento, mas o contrário. Esta chamada revolução copernicana em Kant na gnosiologia:

No acto de conhecimento, os objectos adaptam-se a natureza dos intelectos Humanos. Assim é fácil explicar a existência de seres ingnosciveis pelo Homem – eles não se adaptam a natureza do intelecto humano, por isso, o Homem não os pode conhecer. Ao que a experiencia consegue apreender Kant chamou fenómeno, e oao mundo inatingível pela experiencia chamou numero (as coisas em si), como vimos quando analisamos o problema da possibilidade do conhecimento. A revolução Copérnico ajudou a descobrir que a razão humana encontra na natureza aquilo que ela mesma coloca, segundo os esquemas da nossa razão. A natureza adapta-se aos esquemas da razão humana. Assim, Kant muda todo o esquema do conhecimento. A estea nova visãoda relação sujeito/objecto chamou de Revolução Copernicana na teoria de conhecimento, por analogia a que Copérnico fez e que determinou a passagem da visão geocêntrica do mundo para heliocêntrica. Ou seja, o deixou de se acreditar que o sol girava em volta da terra e passou a acreditar-se no contrário.

**Natureza do conhecimento**

O que se pretende reflectir neste tema é: o que é que conhecemos? Os próprios objectos, ou as representações em nós mesmos? Existem duas correntes antagónicos que respondem a esta questão, nomeadamente o Realismo e o Idealismo.

**O realismo**

O realismo defende que nossos conhecem as coisas e não as ideias sobre elas. O que o Homem conhece são as coisas, quer na forma de universais (as coisas em si, transcendentes em relação aos particulares – como, para Platão os universais ante rem, isto é, a universalidade perante as coisas), quer na forma imanente, centrada nas coisas individuais (como para Aristóteles, a universalidade in ré, isto é, a universalidade nas coisas) o universal é uma entidade geral, um conceito, uma ideia que é comum a todos os seres particulares. Portanto, para os realistas, o universal é o ente que predica todas as coisas, ou seja, constitui o sustentáculo do todo existente. Sem o universal não existiriam as coisas particulares.

**Idealismo**

Para o idealista Inglês George Berkeley, a única existência dos objectos é a ideia que se tem deles “existiré ser percebido”. As coisas só existem como objectos da consciência. A existência de um mundo como realidade coerente e regular estaria garantida por Deus, mente suprema ode tudo se produz e ordena. A filosofia idealista de Hegel (expoente máximo do idealismo alemão) ira culminar com a afirmação segundo a qual “ todo o real é ideal e todo o ideal é real”.

**Valor do conhecimento**

Este debate é travado por duas correntes: Uma delas é o absolutismo, que afirma não só a objectividade do conhecimento, como também lhe confere um valor absoluto. Portanto, não restam dúvidas sobre o valor de conhecimento e não apresenta nenhum limite. Do outro lado, temos o relativismo, este atribuído valor simplesmente relativo ao conhecimento, quer em função ao sujeito cognoscente, quer em função do objecto conhecido.

**O relativismo temvarias subdivisões, nomeadamente:**

* O relativismo sensorial dos sofistas – segundo Protágoras afirma que O Homemé a medida de todas as coisas (homo mensura) o que quer dizer que todo o conhecimento é relativo., isto é, depende do sujeito cognoscente ( por exemplo, a mesma água pode parecer fria a um individuo e quente ao outro);
* O relativismo Positivista – para Augusto Comte, pai do positivismo, nenhum conhecimento que ultrapassa a experiencia é impossível e por conseguinte tão pouco poderá ser valido ou certo, trata-se de um relativismo objectivo,
* O relativismo pragmático – segundo William James (1843-1910), a validade de uma ideia só pode ser verificada pelo seu resultado pratico, isto é, pela utilidade. Para o pragmatismo, o Homem foi feito para a acção. Assim sendo, a verdade só pode ser definida em função dessa mesma acção. Tudo o que ajuda a agir e produz realmente efeito será verdadeiro para cada individuo. Deste modo, todas as nossas ideias terão apenas um valor relativo.

**Níveis do conhecimento**

No que tangem aos níveis do conhecimento, encontramos três níveis. Eis:

* Senso comum – também chamado conhecimento popular, é o que resulta da experiencia quotidiana do ser humano e caracteriza-se por: superficial, sensitivo, subjectivo, assistemático acrítico. É um tipo de conhecimento popular que adquire fora dos mecanismos sistematizados, como, por exemplo os camponeses tem conhecimento sobre a época de sementeira sem terem apreendido na escola.
* ser verificados, e por se tratar de um conhecimento submetido a métodos. A ciência é um conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objectividade, que permitem a sua transmissão, estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e possivelmente, orientar a natureza e as actividades humanas. Tem as seguintes características: real,contingente, sistemático, verificável e falível. A actividade científica depende dos investigadores, que são indivíduos que vivem numa determinada sociedade com osseus valores culturais, políticos e religiosos, métodos, das técnicas, dos meios de comunicação de que a sociedade dispõe numa determinadaépoca.

**Importância, limites e perigos do conhecimento Científico**

Não háduvida alguma deque o avanço da tecnologia, resultado do conhecimento e da investigação científica, proporciona melhores condições de vida aos Homens. Exemplo, com o avanço da medicina ajuda a diminuir a dor dos homens, os cultivos que outrora pareciam impossíveis tornaram-se hoje não extraordinários. Por tanto a tecnologia contribui para a melhoria das condições de vida. Todavia, a ciência mostrou-se ao longo do tempo, que nem sempre é favorável ao homem. A fé no progresso vacilou com a segunda guerra mundial.

A tecnologia pode criar também muitos outros problemas além dos ambientes, como os problemas de saúde humana na sua relação com as máquinas e tecnologia, a relação de dependência excessiva das máquinas e problemas de desemprego(com a substituição da mão-de-obra humana pelas maquinas), entre muitos outros.

**Conhecimento Filosófico**

Tipo de estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de aprender na sua totalidade, e de dar explicações acerca da existência humana. É um conhecimento valorativo, racional, sistemático e não verificável.

**Existem outros tipos de conhecimento que são:**

* O conhecimento Religioso (teológico), cuja fonte primordial e de natureza divina ou sobrenatural. Tem como características o facto de ser valorativo, inspiracional, sistemático, não verificável, infalível, e exacto.
* Conhecimento mitológico, narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autentica dentro de um grupo, tendo geralmente a forma de um relato sobre a origem de um determinado fenómeno, instituição, etc., e pelo qual se formula uma explicação de ordem natural.
* O conhecimento intuitivo, sendo a intuição o acto ou capacidade de pressentir, é um conhecimento imediato de um objecto de plenitude da sua realidade, seja este objecto de ordem material ou espiritual. Este tipo de conhecimento é imediato e difícil de se fundamentar.

**Classificação das Ciências segundo Augusto Comte**

Augusto Comte (1798- 1857), filosofo Francês que veio também a ser o fundador da sociologia, sofreuvariainfluências ideológicas. Porem, há a destacar Condorcet (1743- 1794), ao qual ele chama predecessor imediato, sem, no entanto, nos esquecemos da influência do historicismo alemão (Hegelianismo). Comte, inspirado pelo ambiente do século XVIII, fundou a chamada lei de três estados, comparando o desenvolvimento do psiquismo humano com o crescimento do Homem. Para ele, o psiquismo humano atravessa três estados nomeadamente: teológico, metafísico, e positivo, fazendo-os corresponder as fases da infância, juventude e maturidade, respectivamente.

No estado positivo não se admite a justificação, nem teologia (própria do primeiro estado), nem metafísica da realidade (segundo estado), mais assim a científica.

Ocientíssimoesta ligado ao empírico, pratico, ao mensurável. Portanto, a fase positiva é a da supremacia das proposições observáveis, sejam elas particulares ou universais. A visão positiva dos factos pretende compreender a lei que os rege, isto é, as relações constantes entre os fenómenos observáveis.

O positivismo não se procura com o problema de causalidade, quer somente estabelecer procedimentos metodológicos para a produção das proposições “ validas” de acordo com o seu próprio sistema. Ele não se procura, exemplo, com o problema da causalidade dos factos. Quer perceber como acontece certo fenómeno, sem se interessar pelas suas causas (esta ultima é característica da filosofia).

A transição de um estado ao outro depende da simplicidade ou de complexibilidade do fenómeno em consideração. Quando for simples, mais rapidamente passara, por exemplo, da fase teológica a metafísica. Se for complicado, mais tempo requer para a sua transição.

Apartir desta base de raciocínio (nível de simplicidade e complexidade das ciências), Comte classificou as ciências em sete categorias, das mais simples as mais complexas, nomeadamente: a Matemática, a Astronomia, a Física, a Química, a Biologia, a Sociologia e a Moral. Portanto, esta ultima, pelo nível mais alto de complexidade teórica, levaria mais tempo a passar a categoria positiva, pelo acto de não ser a identificação dos elementos a serem considerados num acto moral.

A visão positivista do mundo foi contraposta por outros intelectuais do século XIX, aparecendo uma nova classificação das mesmas.

**A questão da verdade**

A verdade é a correspondência entre o conceito e a realidade, seja ela empírica ou meta-empírica. Portanto, dizer que algo é verdadeiro implica a correspondência daquilo que é dito com a realidade.

São quatro os principais estados do espírito perante a verdade: ignorância, duvida, opinião e a certeza.

A ignorância é ausência de todo o conhecimento relativamente a um enunciado. Para o espírito em estado de ignorância, a verdade de um determinado enunciado é como se não existisse, não juízo. A ignorância pode ser: vencível ou invencível, dependendo da possibilidade ou impossibilidade de faze-la desaparecer, culpável ou inculpável- conforme tivermos ou não o dever de a dominar.

A dúvidaé um estado de equilíbrio entre a afirmação e a negação.No estado de dúvida, o espírito não adere, porque os motivos para afirmar e negar se equilibram (duvida positiva) ou não tem razão alguma nem para afirmar, nem para negar (duvida negativa, que equivale a ignorância). A dúvida pode ser:

* Metódica (oucartesiana) - consiste na suspensão voluntária, factícia ou real, mas sempre provisória, na aceitação de uma verdade tida por certa, com o fim de verificar o seu valor. Esta énecessária a constituição de qualquer ciência. É também conhecida por dúvida cartesiana por ter sido Descartes o primeiro a estabelecera-la como método.
* Céptica ou sistemática – estado definitivo do espírito relativamente de toda a verdade; é impossível legitimar as nossas verdades espontâneas que devemos ter sempre como incertas. Enquanto a dúvida metódica é provisória (numadefinitiva) e constitui um meio de chegar a verdade, a dúvida céptica é definitiva e é um fim.

A opinião é adesão receosa do espírito a afirmação ou negaçãode um enunciado. O espíritoadere, porque razões mais graves pesam para uma parte; no entendo, não exclui o temor de o oposto ser verdadeiro; é um estado intermediário entre a dúvida e a certeza em que já é emitido o juízo, mais inseguro. O motivo que se impõe ao espírito e determina nele o estado de opinião tem o nome de probabilidade e, por isso, o enunciado a que se da e adesão é provavelmente certo. O valor da opinião depende de grau de probabilidade e, portanto, dos motivos em que se baseia.

A certeza é adesão firme e inacabável do espíritoa uma conhecida, sem receio de errar. A certeza supõe, pois, a manifestação completa da verdade, isso é, da conformidade do enunciado com a realidade, emitindo um juízo seguro. Esta manifestação faz-se mediante a evidência, que é o motivo e o fundamento da certeza como a probabilidade e o motivo da opinião.

**Critérios da verdade**

O que é um critério? Dá-se o nome de critério ao sinal pelo qual distinguimos uma coisa de outra,é a norma pela qual distinguimos o conhecimento verdadeiro do falso; o sinal que nos permite reconhecer a verdade da falsidade (critérios da verdade). Assim, o critério, fundamental da verdade, em teoria do conhecimento, é a evidência.

A evidênciaé a certeza com que a verdade se impõe ao nosso espírito; é uma espécie da luz que ilumina a realidade e nos permite ver que aquilo que temos no espíritoesta conforme a essa mesma realidade e dai concluímos que ela é verdadeira: é a sua verdade que vemos como evidente. Assim como a luz ilumina os corpos, a evidência ilumina a verdade. São exemplos de evidência:

* Fideísmo considera a fé como o único critério de verdade e é valido apenas para as verdades religiosas;
* O senso comum entende que são verdadeiros os conhecimentos comuns a todos os Homens;
* Pragmatismo sugere como critério de verdade a acção.

Para os pragmatistas, a verdade identifica-se como o êxito ou, melhor, com a verificação. Por isso, será verdade ou verdadeiro aquilo que se verificou; as hipóteses que saíram vencedoras das provas aqui foram submetidas.

O fideísmo, o senso comum, o pragmatismo e outras correntes que aqui não forma mencionadas, tem os seus próprios critérios para determinar alguma espécie de verdade.

**O erro: Causas e Remédios**

Em que consiste o erro? Se a verdade consiste em dizer que é, o erro é a não conformidade do espírito com a realidade ou com a coisa. É a adesão firme aquilo que objectivamente é falso, mas que, do ponto de vista subjectivo nos parece verdadeiro, o erro distinguisse da ignorância pois enquanto esta consiste em nada saber e nada afirmar, aquele consiste em não saber e afirmar, julgando saber. A ignorância é uma limitação da verdade, pois o ignorante não sabe; o erro é a negação da verdade, dai que quem erra não sabe, mas julga saber.

As causas do erro podem ser de duas naturezas: psicológicas e morais.

São as causas psicológicas: a falta de compenetração ou atenção do espírito que interpreta mal os dados dos sentidos, estendendo a adesão além da quilo que foi apreendido. É o caso daquele que vem no bronze o ouro;

* A paixão, que nos impede de raciocinar correctamente. A paixão deixa-nos muitas vezes, obcecados impossibilitando-nos, desse modo, de reflectir.

São causas morais:

* A vaidade que resulta da demasiada confiança na nossa pessoa;
* O interesse (económico, social, político etc.), pelo qual preferimos aquilo que nos é favorável e que se harmoniza com os nossos objectivos;
* Preguiça intelectual que não nos deixa questionar o valor dos nossos motivos, e por isso, nos leva aceitar sem reflexão determinadas asserções ligeiramente formuladas.

Todo o erro é combatido nas suas causas, procedendo-se metodicamente e sobre as causas, a cautelando-se contra as sugestões da paixão e da imaginação. Suspendo o juízo e duvidando, se for necessário; não aceitando nada como verdadeiro ou falso. Se não, o que conhece como tal, através dos meios legítimos.

**Epistemologia Contemporânea**

Ciência ou Ciências?

Embora habitualmente se fale de ciência ou de conhecimento científico em geral, a prática mostra que a ciência se desenvolve e se manifesta em diversos domínios autónomos, de tal modo que cada um destes domínios constitui uma ciência; assim, podemos falar da física, biologia, história, matemática, etc.; como sendo ciências autónomas, e, ao mesmo tempo, interdependentes. Portanto, não há uma só ciência, mas diversas ciências que apresentam aspectos comuns os quais nos permitem classifica-la e agrupa-las.

Duas perspectivas sobre a evolução da Ciência: continuidade ou ruptura

Nesta parte, vamos ver os pontos de vista de alguns autores sobre o desenvolvimento da ciência.

Enquanto uns acreditam que o desenvolvimento da ciência é linear e cumulativo, há outros que defendem o contrário: a ciência érevolucionaria.

**O continuíssimo**

Dentro desta corrente de pensamento é possível encontrar duas linhas.

O continuíssimo radical defende que a ciência evolui de forma linear e acumulativa, linear porque evoluem sempre na mesma direcção, o que significa que os conhecimentos, uma vez estabelecidos jamais serem postos em causa; a cumulativa pelo facto de os novos conhecimentos se juntar aos anteriores, como se se tratasse de um celeiro.

Esta concepção da ciência é fruto de alguns pressupostos gnosiológicos, de entre eles:

* Associação do conhecimento com o método da verificação, um método que se acha infalível, capaz de discernir a veracidade e a falsidade das hipóteses;
* O conhecimento é tomado como um fruto de uma entidade fidedigna (arazão humana), que acumula o conhecimento adquirido ao longo do tempo;
* A ciência obedece a um processo evolutivo, conjas descobertas se interligam entre si, ou seja, há ligação entre uma descoberta recente e a anterior;
* O Homem aprende a ciência de forma gradual começando pelas coisas mais simples e evoluindo para conhecimentos cada vez mais complexos, criando uma imagem de um conhecimento historicamente linear;
* No acto de transmissão da ciência, os seus pontos fracos (erros, hipóteses caducadas) não são relevados, transparecendo ser (a ciência) produto de uma gradual evolução, num itinerário sempre seguro e sem erro algum.

O continuíssimo moderado considera que esta visão da ciência éirrealista e ingénua. Os factos inerentes ao próprio processo de construção da ciência desmudaram-na dando origem a uma visão moderada do processo, apesar de ainda existirem defensores e desse acreditar na visão continuista.

Duhem, historiador e filósofo da ciência, por exemplo, não nega que a ciência seja construída de forma continuista, porem, reconhece que ao longo do processo da sua construção houve erros e correcções dos mesmos. Ele defende que as descobertas científicas de época baseiam-se nas investigações e debates de épocas precedentes, em que os erros registados são examinados e corrigidos, constituindo uma autêntica continuidade, havendo ligação entre uma época e outra.

**O descontinuíssimo**

Alguns filósofos da ciência Bachelard, A. Koyre, K. Popper e T. Khun, defendem que o desenvolvimento da ciência conhece momentos de descontinuidade, ou seja, rupturas que separam, de forma clara, uma fase da outra. Trata-se de momentos surpreendentes que afectam a legitimidade dos princípios gerais. Aqui nos podemos perguntar: quandoé que se diz que os princípios gerais perdem legitimidade?

**Conclusão**

Ao concluirmos o presente trabalho verificamos que, a fenomenologia do conhecimento não e uma descrição genética, mas sim pura, porque e uma descrição da realidade em tanto que tal. A única coisa que a fenomenologia espira conhecer e o que significa ser objecto de conhecimento a matéria ou o conteúdo a conhecer e ser sujeito congnescente aquele que apreende o objecto. O que da entender que conhecer e captar um fenómeno ou aquilo que acontece quando um sujeito chamado por congnescente apreende um objecto chamado objecto do conhecimento.

**Referências bibliográficas**

CHAMBISSE, Ernesto, et all, *emergência do filosofar*, 1ª ed. 5ª tiragem, textos editores. Maputo 2010

MARQUES, António e ribeiro dos santos Leonel. *Filosofia I.* 10º de escolaridade 3ª ed, a regra do jogo Lisboa 1980.

MORRÃO, A. e Garrão. M., *filosofia epistemológica*, 11º ano, Lisboa, 1982.